NOTAS SOBRE AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Fábio Mansano de Mello[1]

A ciência e a tecnologia sob a égide do capitalismo têm uma particularidade decisiva do ponto de vista da acumulação: reduzir o tempo de trabalho socialmente necessário e desqualificar o trabalho. Tal processo tem ocorrido nas mais variadas esferas da sociedade, sejam nos bancos, escritórios, indústrias, trabalho médico, nas escolas, etc. O desenvolvimento das técnicas acarreta, de um lado, uma minoria qualificada que ocupa as posições de comando e de outro uma maioria de trabalhadores que executam uma atividade repetitiva devido à simplificação e universalização do trabalho. Com o intuito de explicitar essa tendência do capitalismo torna-se imperioso retomarmos a leitura da seção IV d'O Capital, onde Marx analisa a constituição do modo especificamente capitalista de produzir, bem como as metamorfoses sofridas pelo processo de trabalho ao se subsumir no capital: estamos tratando das reflexões sobre a cooperação, manufatura e grande indústria. O presente texto tem por escopo ordenar algumas passagens da obra do teórico alemão que julgamos essenciais para a compreensão das formas de organização do trabalho; longe de esgotar/aprofundar o assunto, pretendemos tão somente apresentar o debate aos estudantes acerca da sociabilidade capitalista, o que não prescinde da leitura dos textos originais. Sobre a cooperação simples, coloca-nos Marx:

> A atividade de um número maior de trabalhadores, ao mesmo tempo, no mesmo lugar (ou se quiser, no mesmo campo de trabalho), para produzir a mesma espécie de mercadoria, sob o comando do mesmo capitalista, constitui historicamente o ponto de partida da produção capitalista. (Marx, 1982a, p. 257)

Nessa primeira forma de cooperação, a mesma se traduz na reunião de trabalhadores realizando atividades conexas sobre uma base técnica artesanal; não se trata do aumento da força produtiva individual, mas sim da criação de uma força produtiva que é uma força de massas. Tal organização difere do artesanato à medida que promove maior produtividade, como a

[1] Professor de Sociologia da UESB-Jequié e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB-Vitória da Conquista. E-mail: fabio.m.mello@uesb.edu.br

elevação da regularidade e intensidade do trabalho. Com tal desenvolvimento surge a necessidade de coordenação e controle da produção, o que significa uma perda parcial do controle por parte do trabalhador sobre sua atividade produtiva, que irá desencadear o processo de separação entre concepção e execução de tarefas.

> Do mesmo modo que a força produtiva social do trabalho desenvolvida pela cooperação aparece como força produtiva do capital, a própria cooperação aparece como forma específica do processo de produção capitalista, em contraposição ao processo de produção de trabalhadores isolados independentes ou mesmo dos pequenos mestres. É a primeira modificação que o processo de trabalho real experimenta pela sua subordinação ao capital (...) se o modo de produção capitalista se apresenta, portanto, por um lado, como uma necessidade histórica para a transformação do processo de trabalho em um processo social, então, por outro lado, essa forma social do processo de trabalho apresenta-se como um método, empregado pelo capital para mediante o aumento da sua força produtiva explorá-lo mais lucrativamente. (Marx, op cit, p. 265-6).

A divisão entre trabalho intelectual e manual vai se acirrar na manufatura, que é uma forma de cooperação capitalista centrada na divisão do trabalho, que por sua vez é organizada a partir da decomposição do processo de trabalho do artesão e na fixação do trabalhador a uma tarefa específica de tal processo.

> A origem da manufatura, sua formação a partir do artesanato, é portanto dúplice. De um lado, ela parte da combinação de ofícios autônomos de diferentes espécies, que são despidos de sua autonomia e tornados unilaterais até o ponto em que constituem apenas operações parciais que se complementam mutuamente no processo de produção de uma única e mesma mercadoria. De outro lado, ela parte da cooperação de artífices da mesma espécie, decompõe o mesmo ofício individual em suas diversas operações particulares e as isola e as torna autônomas até o ponto em que cada uma delas torna-se função exclusiva de um trabalhador específico. Por um lado a manufatura introduz, portanto, a divisão do trabalho em um processo de produção ou a desenvolve mais; por outro lado, ela combina ofícios anteriormente separados. Qualquer que seja seu ponto particular de partida, sua figura final é a mesma – um mecanismo de produção, cujos órgãos são seres humanos. (Marx, op cit, p. 268).

A manufatura implica uma forma específica de organização do trabalho; com vários operários trabalhando conjuntamente e executando operações distantes, cria-se o trabalhador coletivo, entendido “como um corpo cujos membros são hierarquicamente dispostos, segundo o grau de habilidade e de força empregadas na execução das diversas operações parcelares” (Nogueira, 1990, p. 96). Constata-se neste momento uma diferenciação das atividades, resultando numa hierarquia de qualificações que distingue a manufatura do trabalho indiferenciado da cooperação simples. O processo de trabalho não sofre grandes transformações na base técnica, e o trabalhador que apesar de ter perdido parcialmente o controle sobre o processo produtivo, embora mutilado pela divisão do trabalho, ainda é um virtuoso e o trabalho depende de sua destreza e habilidade.

Ressaltemos o duplo aspecto da produção capitalista: de um lado, é processo de trabalho, transformação de matérias primas em valores de uso, e de outro, é processo de valorização, que cria valor, um excedente da produção, ou seja, mais-valia. Assim como a mercadoria apresenta-se como unidade de valor de uso e de valor de troca, o processo de produção é a cristalização do processo de trabalho e do processo de valorização; todavia, o processo de trabalho é a condição necessária para o processo de valorização, através do qual se extrai mais-valia, isto é, trabalho não remunerado. Durante o processo de trabalho, os homens utilizam-se dos meios de produção para a realização da mercadoria; do ponto de vista do processo de valorização, são os meios de produção que se utilizam dos operários para realizarem não apenas mercadorias, mas sim valor. Como aponta Marx:

> Como a *mais-valia* é o produto específico do processo de produção, o seu produto não é apenas mercadoria, é também *capital*. No interior do processo de produção, o trabalho transforma-se em capital. A atividade da capacidade de trabalho, quer dizer, o trabalho, *objetiva-se* no processo de produção, converte-se deste modo em valor, mas como o trabalho já antes de começar deixou de pertencer ao próprio operário, aquilo que se objetiva é para ele *objetivação do trabalho alheio*, e, por conseguinte, é valor que se contrapõe de maneira autônoma à capacidade de trabalho, é *capital.* (Marx, s/d, p. 83).

O trabalhador, aqui despojado de qualquer meio de produção, não produz com o fito de desenvolver todas as suas potencialidades, mas, ao contrário, produz para o capital, que por sua vez utiliza todos os recursos disponíveis para diminuir o tempo de trabalho necessário à fabricação de um produto; em decorrência disto, aumenta-se o tempo de trabalho excedente, que consiste no trabalho realizado pelo homem e que não é pago, sendo apropriado pelo capitalista. Até determinado momento da produção social, o aumento da jornada de trabalho se incumbiu de efetuar a apropriação do trabalho excedente; sobre a mais-valia absoluta ensina-nos Marx, num trecho do Capítulo VI (inédito) do Capital:

> Com base num modo de trabalho preexistente, ou seja, num desenvolvimento dado da força produtiva do trabalho e do modo de trabalho correspondente ao desenvolvimento dessa força produtiva, pelo contrário, só se pode produzir mais-valia recorrendo ao prolongamento do tempo de trabalho, quer dizer, sob a forma de mais-valia absoluta. A esta modalidade, como forma única de produzir mais-valia, corresponde pois a subsunção formal do trabalho no capital. (Marx, s/d, p. 90).

A cooperação simples e a cooperação manufatureira centrada na divisão do trabalho correspondem à fase da extração da mais-valia absoluta, onde as transformações do processo produtivo estão relacionadas mais com a organização do trabalho do que com as metamorfoses decorrentes do incremento da base técnica (o trabalhador impõe o ritmo de trabalho):

> A maquinaria específica do período manufatureiro permanece o próprio trabalhador coletivo, combinação de muitos trabalhadores parciais. As diferentes operações que são executadas alternadamente pelo produtor de uma mercadoria e que se entrelaçam no conjunto do seu processo de trabalho apresentam-lhe exigências diferentes. Numa ele tem de desenvolver mais força, em outra mais habilidade, numa terceira mais atenção mental etc., e o mesmo indivíduo não possui essas qualidades no mesmo grau. Depois da separação, autonomização e isolamento das diferentes operações, os trabalhadores são separados, classificados e agrupados segundo suas qualidades dominantes. Se suas peculiaridades naturais formam a base sobre a qual se monta a divisão do trabalho, a manufatura desenvolve, uma vez introduzida, forças de trabalho que por sua natureza só são aptas para funções específicas unilaterais. O trabalhador coletivo possui agora todas as propriedades produtivas no

> mesmo grau de virtuosidade e ao mesmo tempo as despende da maneira mais econômica, empregando todos os seus órgãos, individualizadas em trabalhadores ou grupos de trabalhadores determinados, exclusivamente para suas funções específicas. (Marx, 1982a, p. 276).

A manufatura se apresenta como um método peculiar de produção de mais-valia absoluta ou simplesmente valorizar o capital às custas do suor dos trabalhadores; ela aumenta o poder do capitalista mutilando as potencialidades criativas do trabalhador, embora este imponha o ritmo do trabalho. No entanto, o produto da divisão do trabalho produziu máquinas, que superam a atividade artesanal e subordinam realmente o trabalhador ao capital. Nos diz Marx:

> Ao mesmo tempo, a manufatura nem podia apossar-se da produção social em toda a sua extensão, nem revolucioná-la em sua profundidade. Como obra de arte econômica ela eleva-se qual ápice sobre a ampla base do artesanato urbano e da indústria doméstica rural. Sua própria base técnica estreita, ao atingir certo grau de desenvolvimento, entrou em contradição com as necessidades de produção que ela mesma criou.
>
> Uma de suas obras mais completas foi a oficina para a produção dos próprios instrumentos de trabalho, nomeadamente também dos aparelhos mecânicos mais complicados que já começam a ser aplicados.

E mais adiante:

> Esse produto da divisão manufatureira do trabalho produziu, por sua vez – máquinas. Elas superam a atividade artesanal como princípio regulador da produção social. Assim, por um lado, é removido o motivo técnico da anexação do trabalhador a uma função parcial, por toda a vida. Por outro lado, caem as barreiras que o mesmo princípio impunha ao domínio do capital. (Marx, 1982a, p. 288-9).

Com a transformação da base técnica, o capital se desvencilha das amarras e dos obstáculos impostos pelo processo produtivo no que tange a sua reprodução. Através da utilização da maquinaria, elimina-se o caráter subjetivo da produção, do qual até então fora refém e que limitava a sua expansão. Impõe, agora, um novo ritmo de trabalho.

> Na manufatura, a articulação do processo social de trabalho é puramente subjetiva, combinação de trabalhadores parciais; no sistema de máquinas, a grande indústria tem um organismo de produção inteiramente objetivo, que o operário já encontra pronto, como condição de produção material. Na cooperação simples e mesmo na especificada pela divisão do trabalho, a supressão do trabalhador individual pelo socializado aparece ainda como sendo mais ou menos casual. A maquinaria, com algumas exceções a serem aventadas posteriormente, só funciona com base no trabalho imediatamente socializado ou coletivo. O caráter cooperativo do processo de trabalho torna-se agora, portanto, uma necessidade técnica ditada pela natureza do próprio meio de trabalho. (Marx, 1982b, p. 17).

Com a introdução das máquinas no processo produtivo, ocorre uma reviravolta no modo de produção, tanto em relação à produtividade do trabalho como na relação entre capitalista e trabalhador. As forças produtivas se desenvolvem e assumem enormes proporções, graças à utilização da ciência e da técnica; sobre tal desenvolvimento, vejamos o que Marx nos diz:

> Mas, *na máquina*, a ciência realizada apresenta-se face aos operários como *capital.* E, na realidade, toda essa utilização da ciência, das forças naturais e produtos do trabalho em grandes massas, utilização fundada no *trabalho social*, aparece face ao trabalho apenas *como meios de exploração* do trabalho, como meios de apropriação do sobretrabalho e, portanto, como forças pertencentes ao capital. O capital, naturalmente, não emprega estes meios senão para explorar o trabalho, mas para explorá-lo tem que aplicá-los à produção. E, desta sorte, o desenvolvimento das forças produtivas *sociais* do trabalho e as condições deste desenvolvimento apresentam-se *como obra do capital*, com os quais o operário individual se confronta numa relação não só de passividade mas também de antagonismo. (Marx, s/d, p.128).

Tal transformação confere ao sistema capitalista a categoria de modo de produção específico, uma forma determinada de produção material, onde se instaura a subsunção real do trabalho no capital. Aqui, a forma predominante de extração do excedente é a mais-valia relativa. Vejamos agora alguns resultados desse processo no que tange à condição social dos trabalhadores. Com as máquinas, o trabalho se torna universal, assume um caráter mais geral, simplificado, o que contribui para a diminuição do seu custo; essa diminuição do valor da força de trabalho decorre de dois fatores: de um

lado, devido ao encurtamento do tempo de trabalho necessário, em benefício do tempo de trabalho excedente, decorrência de novas tecnologias, e de outro, como conseqüência da simplificação do processo produtivo, o mesmo trabalho pode ser realizado por mulheres e crianças, sem a utilização da força física. O homem torna-se um apêndice da máquina. Atentemos para esta passagem d'O Capital:

> Com a ferramenta de trabalho, transfere-se também a virtuosidade, em seu manejo, do trabalhador para a máquina. A eficácia da ferramenta é emancipada das limitações pessoais e da força de trabalho humano. Com isso, supera-se o fundamento técnico sobre o qual repousa a divisão de trabalho na manufatura. No lugar da hierarquia de operários especializados que caracteriza a manufatura, surge, por isso, na fábrica automática, a tendência à igualação ou nivelação dos trabalhos, que os auxiliares da maquinaria precisam executar; no lugar das diferenças artificialmente criadas entre os trabalhadores parciais surgem de modo preponderante as diferenças naturais de idade e sexo. (Marx, 1982b, p. 41).

Em outra passagem, nos Grundrisse, Marx atenta para a especificidade da utilização da maquinaria:

> A máquina não se apresenta, sob nenhum aspecto, como meio de trabalho para o operário individual. Sua diferença específica não é absolutamente, como no meio de trabalho, a de mediatizar a atividade do operário diante do objeto; mas, ao contrário, essa atividade agora é posta de modo que ela mediatiza apenas o trabalho da máquina, a ação da máquina sobre a matéria-prima - que ela vigia essa ação e evita suas interrupções. (Apud Napoleoni, 1981, p. 87-8).

Se durante a manufatura o homem se encontrava na posição ativa (Napoleoni, 1981) do processo produtivo, utilizando os instrumentos de trabalho de forma manual e prescindindo de sua destreza, com as máquinas esse modelo se inverte: é a máquina que se apresenta na posição inicial do processo produtivo, impondo o ritmo da produção e colocando o trabalhador na condição de intermediário, de instrumento do trabalho.

> Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual. Mesmo a facilitação do trabalho torna-se um meio de tortura já que a

> máquina não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo. Toda a produção capitalista, à medida que ela não é apenas processo de trabalho, mas ao mesmo tempo processo de valorização do capital, tem em comum o fato de que não é o trabalhador quem usa as condições de trabalho, mas que, pelo contrário, são as condições de trabalho que usam o trabalhador: só, porém, com a maquinaria é que essa inversão ganha realidade tecnicamente palpável. Mediante sua transformação em autômato o próprio meio de trabalho se confronta, durante o processo de trabalho, como trabalhador como capital, como trabalho morto que domina e suga a força de trabalho viva. (Marx, 1982b, p. 44).

Podemos notar que o emprego da maquinaria está atrelado à própria dinâmica do capital, que compreende uma exploração cada vez mais sistemática do trabalho humano. Na busca da autovalorização, o capital revoluciona os meios de produção a fim de obter maior extração de mais-valia num período de tempo cada vez menor; tais transformações da base técnica visam, portanto, diminuir o custo da produção das mercadorias, de um lado, e de outro ampliar a parte do trabalho que o assalariado cede gratuitamente ao capitalista.

REFERÊNCIAS

MARX, K. O capital, vol. I. In: *Os Economistas*. São Paulo: Abril Cultural, 1982a.

_____O capital, vol. I, tomo II. In: *Os Economistas*. São Paulo: Abril Cultural, 1982b.

_____ *O capital*. Cap. VI (inédito). São Paulo: Editora Moraes, s/d.

NAPOLEONI, C*. Lições sobre o capítulo sexto (inédito) de Marx.* São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1981.

NOGUEIRA, M. A. *Educação, saber, produção em Marx e Engels*. São Paulo: Cortez, 1990.